

'Islamismo como o anticristo da vez'



Foto Paulo Siqueira/Fotoarena/Folhapress

revolução aconteceu agora e não há uma década por exemplo. O deflagrador imediato da revolta, que foi a imagem da autoimolação do tunisiano Mohamad Buazizi, estudante e vendedor ambulante de apenas 26 anos, difundida pela televisão, não nos deixa esquecer o sentimento de profunda angústia que atingia, em todos os oprimidos e humilhados, os limites do suportável. As massas que foram às ruas no Egito representam mais de 10% da população do país.

Ao mesmo tempo, a revolta não é inédita, como indica o nome do grupo 6 de Abril, criado a partir da manifestação de trabalhadores que nessa data, em 2008, foi brutalmente reprimida pela polícia de Mubarak. Várias outras manifestações foram abortadas pela ação da polícia. Isso indica que já havia uma revolta social sendo lentamente gestada, e tentativas de manter vivos e atuantes os movimentos sociais e de contestação ao regime. A existência desses precedentes foi fundamental para que a revolução finalmente estourasse e a população em massa tomasse as ruas das principais cidades. Por fim, penso que as redes sociais eletrônicas devem manter um papel importante, mas que as populações do Egito e da Tunísia – além dos demais países onde a derrubada de regimes opressores foi posta na ordem do dia –, vão precisar de bem mais do que redes como o Facebook para organizar a continuidade da revolução a partir de agora. O movimento contínuo de protestos, que não deve parar com a derrubada dos ditadores, entra em uma fase nova e mais delicada de organização política da sociedade para conseguir avançar suas reivindicações.

Mohamed – Tentativas anteriores falharam porque, diferentemente das manifestações de agora, caracterizadas pela espontaneidade, foram

concebidas e organizadas com antecedência por grupos de ativistas. Essa preparação era monitorada por três instituições de espionagem em conjunto: CIA, Mossad e a inteligência egípcia. Antes que fossem capazes de deflagrar seus planos, as lideranças eram capturadas, presas e até mortas, o que desarticulava todo o movimento. Então, o êxito das mobilizações atuais se deve à reação espontânea dos jovens, que surpreendeu até mesmo os serviços de inteligência, e não às novas tecnologias de comunicação.

Nasser – Como qualquer tecnologia, dado o seu contexto, ela não é capaz de criar movimentos, ela é capaz de canalizar, de potencializar ações. Foram e são importantíssimas, assim como o jornal tornou-se um instrumento revolucionário nos séculos 19 e 20. Mas o sucesso dos levantes depende das necessárias condições sociais e políticas para isso. Havia insatisfação e um sentimento de integração. Então, a comunicação proporciona mais eficiência a esse princípio de comunidade, porém dizer que gera insatisfação seria tomar a consequência pela causa. Mas isso também está traduzindo o crescimento de uma camada urbana muito importante. Fala-se na importância das tribos, mas veja que na Líbia a revolta começou em Bengasi, cidade com 1,5 milhão de habitantes, e depois foi para Trípoli; no Egito os protestos eclodiram no Cairo.

Então, essa é uma questão maior que a internet, é a questão das classes urbanas, é o fato de o desemprego atingir 90% dos jovens, que respondem por 30% da população. Nesse aspecto, o homem da rua árabe é como o homem da rua ocidental: ele quer trabalhar, estudar. Não existe aquela imagem vulgar que aparece toda hora, em que todo mundo ou fica rezando ou jogando bomba. Isso é da

cabeça de Hollywood, dos neoconservadores. As tecnologias colaboram para dar vazão a isso e, num regime ditatorial, em que não há meio de expressão, elas se qualificam mais ainda. Existiram mobilizações anteriores, mas os objetivos eram outros. Na década de 1960 esteve no auge o chamado nacionalismo árabe, mas era um movimento para fazer guerra a Israel, e não para derrubar ditador.

JU – Como fica a situação de Israel diante do aparentemente irrefreável movimento libertário em curso no mundo árabe? Não seria este o momento propício e estratégico de rever a sua política de assentamento nos territórios ocupados em Gaza e na Cisjordânia e a sua postura contrária à criação do Estado palestino?

Arlene – Uma grande manifestação está prevista para o dia 15 de março na Cisjordânia e se a revolta de fato tomar as ruas dos Territórios Palestinos Ocupados, o seu primeiro alvo poderá ser a própria Autoridade Nacional Palestina, cada vez mais apontada pela população como a “administradora” dos guetos palestinos. A liberação, pela Al Jazeera, de 1.600 documentos secretos demonstrando como a ANP vinha abandonando, nas negociações com o governo de Israel, as reivindicações históricas e de justiça para com o povo palestino, apenas aumentaram a desmoralização dessa liderança há muito acusada de corrupta e incapaz de sustentar a implementação dos direitos palestinos mínimos, assegurados, por exemplo, em resoluções do próprio Conselho de Segurança da ONU.

Seria muito difícil para os palestinos derrotar o exército israelense, pois não possuem força militar ou sequer verdadeiras organizações guerrilheiras para isso. Mas estão

bastante revoltados com o papel que a ANP vem exercendo, denominada por muitos como “o braço administrativo da ocupação militar israelense”. Para entender essa afirmação, teríamos que voltar aos Acordos de Oslo e à história palestina desde a década de 1990, mas vale lembrar que o sentimento contrário à ANP e a setores da OLP tem crescido muito.

Mohamed – Israel incorre no mesmo equívoco do Ocidente de acreditar que seus interesses só podem ser assegurados a partir de povos oprimidos por regimes ditatoriais ou de parcerias com ditadores. Ao longo do tempo essa situação torna-se insustentável. Seria muito melhor se pudessem se relacionar com os vizinhos por meio de governos democráticos, pela via do diálogo e com a participação da sociedade civil. Portanto, a revisão de sua atual política seria a decisão inteligente e eu espero por isso. Nem é preciso respeitar a deliberação da ONU de 1947 [sobre a partilha da Palestina que destinou 56,47% do território para os judeus e 43,53%, para os árabes]. Mas pelo menos deixem o povo palestino numa área única contígua onde possa criar seu Estado, sem a presença militar de Israel, e não mais separadamente, de um lado na Faixa de Gaza e de outro na Cisjordânia, tendo entre eles território israelense, sem esse queijo suíço, cheio de assentamentos israelenses conectados por estradas e avenidas que o palestino não consegue atravessar.

A qualidade de vida do povo de Israel não depende só de dinheiro e de tecnologias. É preciso haver também uma cultura de paz, e esta depende de uma harmonia com os vizinhos. Esses indicadores têm de ser levados em consideração pelos governantes de Israel, mas infelizmente a extrema direita israelense se sustenta pelo ambiente de terror criado na região. Vai chegar o dia em que a democratização no Oriente Médio alcançará Israel e se o governo israelense não mudar sua política, também sofrerá levantes dentro de seu território. Os motivos são diferentes, mas há esse risco.

Nasser – Israel vai rever isso, não tenho dúvida. Setores liberais de Israel estão gostando muito desse momento, porque questionam até que ponto é válido manter a paz com o Egito a custo de negociatas, ou seja, à custa de uma triangulação com os EUA, que dão milhões de dólares para um tipo de governante corrupto como o Mubarak. Para eles, estabilidade é quando há um acordo reconhecido como legítimo e justo para ambas as partes; para eles, a paz se alcança de forma legítima, assentando o povo no território em condições de vida. Então, acho que vai ganhar força um questionamento dos grupos políticos existentes, acredito que haverá debate interno em Israel. Essas discussões precisam ser colocadas em outro plano que não é o religioso, étnico ou político. Há também as questões relacionadas aos atos de Israel para com os palestinos que não podem continuar.

Algumas pesquisas de opinião pública no mundo árabe mostram que a maioria é contra os atos de Israel, poucos são os que negam a sua existência. Mas não nos enganemos: os radicais dos dois lados vão reagir, porque nesse momento eles estão obscurecidos. Quem fala no Osama? Cadê o Netanyahu? Cadê a direita de Israel? Sumiram, porque eles só têm algo a dizer quando tem bomba. Os movimentos radicais estão atentos, aguardando qualquer circunstância de instabilidade para favorecê-los. Portanto, é preciso paciência e saber o momento de lidar com as adversidades, porque senão vem a explicação básica: está vendo, esse pessoal só vive no caos. E se a chamada comunidade internacional quer mesmo a estabilidade, agora é o momento de ajudar, de dar dinheiro para a reconstrução

social e não para comprar armas.

JU – Às preocupações do Ocidente com o terrorismo e com o petróleo soma-se agora uma outra, particularmente dos países da União Europeia, acerca da fuga em massa de imigrantes ilegais libios e de países em conflito para o outro lado do Mediterrâneo. Que impactos sociais e econômicos um fenômeno dessa magnitude pode ter no continente, lembrando que países europeus estabeleceram rigorosas restrições à imigração?

Arlene – Há muita confusão e, de fato, xenofobia, sendo veiculada sobre a questão. Por um lado, a imigração de trabalhadores árabes ou islâmicos na Europa foi severamente restringida e em alguns casos já se tornou quase impossível. Tal restrição ajudou a estrangular a situação econômica, a eliminar válvulas de escape da miséria e a contribuir para o estopim da revolução, não o contrário. Embarcações continuam tentando chegar ilegalmente, mas em menor número. No caso da Líbia, durante as últimas semanas o principal movimento de fuga tem se dirigido aos países árabes vizinhos, inclusive porque muitos dos que estão fugindo já são trabalhadores egípcios imigrantes. Além de voltar-se contra os trabalhadores miseráveis e imigrantes dos países árabes, o discurso xenofóbico poderá facilmente ser empregado para tentar enfraquecer os movimentos de trabalhadores e jovens da Grécia, Irlanda e Espanha, absolutamente locais e autóctones, criando o mito de que seriam infiltrados e permeados por influências islâmicas estrangeiras.

Mohamed – A questão migratória dos norte-africanos e dos subsaarianos tem de ser analisada a partir de sua causa. Eles buscam na Europa o emprego e o sustento que não encontram em sua própria terra. Essa situação é resultado do humilhante processo de desrespeito dos direitos humanos e de exploração de riquezas naturais protagonizado pelos europeus na África. Sem alternativas desenvolvimentistas suficientes para manter essa massa em seus territórios de origem, a migração vai continuar e a Europa não tem como adotar medidas restritivas eficientes.

A democratização do Oriente Médio e do Norte da África tende a estimular a criação de projetos voltados ao desenvolvimento de seus países e capazes de absorver muitos desses movimentos migratórios, já que hoje o africano deixa a terra amada somente porque ela não lhe proporciona condições minimamente dignas de sobrevivência. Depois, podem ser firmados acordos para que a Europa aproveite determinadas capacidades e habilidades da mão de obra africana conforme as suas necessidades. Mas essas mudanças passam pelo respeito à soberania e à autonomia dos países africanos e pelo reconhecimento por parte do Ocidente da importância de sua democratização.

Nasser – Na perspectiva europeia, esse fato é mais ameaçador do que qualquer atentado terrorista, devido à questão do desemprego, devido às manifestações desses grupos que estarão no continente europeu. Por isso é que agora resolveram ficar seriamente preocupados com a situação da Líbia. O Ahmadinejad [presidente iraniano] pode ser louco, menos bobo. O que é que ele disse: faremos a próxima revolução dentro da Europa. Eu não concebo que isso seja verdade, as pessoas estão indo para lá em busca de emprego. Mas ele quer acirrar conflitos e sabe onde está cutucando. É um problema que vai agravar a questão social, aumentar a xenofobia, porque na mesma proporção a direita na Europa está crescendo em função disso. E vai crescer ainda mais.